

A UTOPIA NA DISTOPIA: A BEATLEMANIA COMO TRADUÇÃO DE UMA ERA ETERNA

Ludmila Martins Naves¹

Divino José Pinto²

Resumo: Neste trabalho, objetiva-se trazer à centralidade a transcrição como procedimento criativo e tradutório, em seu sentido amplo, discutindo o filme “Submarino Amarelo” como manifesto da utopia no universo da distopia na era contemporânea. Essa atmosfera de perpetuação de toda uma concepção de mundo e modo de vida está marcada na assertiva do beatle George Harrison, quando afirma: “*os Beatles sobreviverão aos próprios Beatles.*” O impacto desta assertiva norteia indagações que povoam o pensamento de muitos filósofos presentes nas investigações mais acerca da arte, de maneira geral, do século XXI como, Jacques Derrida, Michel Foucault e Gilles Lipovetsky.

Palavras-Chave: Utopia; Distopia; Beatlemania; Transcrição

INTRODUÇÃO

Neste artigo, ocupamo-nos da transcrição como processo que sustenta a permanência de um fenômeno, um marco na história da música ocidental, cujos tentáculos abrange todos os sistemas de linguagem artística, o rastro indelével de uma banda de rock que se tornou um ícone representativo da própria Inglaterra ao traduzir-se em uma geração que se perpetua em todas as partes do mundo.

THE BEATLES já nasceram como uma concepção estética, antes de comporem as suas primeiras canções ou mesmo de ligarem os seus instrumentos. Paolo Hewitt (2012) afirma, em outras palavras, que Os Beatles amavam e brigavam na mesma medida, como irmãos, o que só acrescentava mais charme às apropriações poéticas da vida pela arte e da arte pela vida. John, Paul, George e Ringo eram, respectivamente, “o rebelde, o fofo, o quieto e o feliz”. Eles agiam como se fossem um só.”

A composição estética de Os Beatles pode ser considerada, à luz da teoria de Luís Alberto Brandão (2013); como um construto que se revela através do olhar que, na variação da noção de espaço se expõe e se expande em um texto-catálogo ao tempo que atinge sem exaustão o leitor, sendo a composição de canções que trazem em suas

¹ Mestranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, escritora e publicitária.

² Doutor em Letras – Teoria da Literatura – UNESP, professor Adjunto – PUC Goiás.

variações de tons, ritmos e criativa escrita para variados intérpretes, põe em pauta questões de espaço e tempo; assim como também tensiona hábitos arraigados, tanto musicais quanto culturais, gerando, na condição de obra de arte, desdobramentos inesgotáveis.

Para Derrida (1999), a desconstrução é um meio de questionar o mundo no qual se está inserido de forma questionadora de dicotomias em vez de negá-las, e interrogando as limitações de forma que se torne possível à reflexão hierárquica do pensamento metafísico ocidental. Derrida destaca alguns pontos de desconstrução tais como: natureza/cultura, causa/efeito, realidade/aparência, língua/fala, significante/significado, homem/mulher, fala/escrita, dentre outras oposições binárias. Observa-se neste pensamento desconstrutivista a exposição de uma lógica oposicional, a linguagem apotídica (imperativa), os mascaramentos que se fazem presentes em discursos naturalmente construídos por uma tradição. E afirma o teórico: “[...] a desconstrução não é essencialmente filosófica, e não se limita a um trabalho de um filósofo profissional sob um corpus filosófico. A Desconstrução está em todas as partes.” (DERRIDA, 1999, p. 48).

Retomando o olhar de Brandão (2013), percebemos que o espaço artístico-literário se configura como um observatório de elementos coexistentes em uma obra e se constitui de sentidos que conferem à obra de arte teores, como o expresso, a representação e o genérico. Assim, a literatura tem por suporte as páginas de um livro, em outras linguagens artísticas, acessamos a sua conjuntura estética pelas vias do imagético, como as capas de discos, CDs; onde a imagem atribuída à obra uma significância que pode estar presente no objeto artístico a partir da sua construção global permeada de transferências diversas de outras formas de “literariedade”.

Focando na canção *Pepperland* que compõe o álbum *Yellow Submarine*, com uma produção de George Martin para o filme homônimo, notamos que ela se apresenta como um ato de magia, de transfiguração em movimento em forma de sons, produzidos arditamente por uma orquestrada, de modo a sugerir, em seu emaranhado de notas, ritmos e acordes, oscilando entre maiores e menores, crescentes, decrescentes, andante e alegre, a evocar a utopia presente na distopia da leitura tradutória de uma humanidade mergulhada em tempos dispersos, pós-modernos.

Martin (2017) diz que os rapazes que conquistavam milhares de corações, eram a própria vanguarda da Carnaby Street de Mary Quant e no cenário de Swinging London; onde a velha ordem parecia estar desmoronando na “bohemia rock and roll” que retratava a realidade da época; Inglaterra na década de 1960’. Seria o início do rastro da utopia na história do rock?

Vestergaard e Schroder (2004) comentam a utopia da juventude e do lazer como literatura e arte de mundo por meio da construção artística dos roteiros de propagandas, mas que muito se assemelham à transcrição da realidade para uma linguagem literária puramente persuasiva, a qual implica a insatisfação com o mundo real sendo expressa por meio de representações imaginárias do futuro tal como ela poderia ser: uma utopia.

Pensando assim, a beatlemania como tradução de uma era eterna, como um modo de ver e sentir o mundo, muito se assemelha a este tipo de construção em tom persuasivo, mas sem se despir de sua principal vestimenta encantadora, como será estudada a partir do álbum *Sgt Pepper’s Lonely Hearts Club Band* que se consagrou o mais importante na história d’Os Beatles e principalmente a partir do pensamento utópico presente na construção distópica do álbum *Yellow Submarine* que foi lançado no mesmo ano do revolucionário festival de paz e amor, o Woodstock.

Claeys (2011) faz um convite-leitura às variedades da distopia para que seja possível construir uma razão acerca da utopia como história de uma ideia: a utopia na distopia:

No séc. XX os totalitarismos refletiram-se em um foco de distopismo de alguns textos literários no período e a ideia de que o utopismo semeava o totalitarismo esteve implícita na crítica de Aristóteles à República de Platão com a rejeição do comunismo. Sendo que para Karl Popper vários aspectos nas teorias de Marx, se retraçados poderiam levar a sociedade à perfeição do desejo independente dos meios necessários para se submeterem à este ideal. Eis que, as distopias surgiam apenas no final do séc. XIX, implicando-se como estrondos sociais, tais como; retratos das revoluções, o restabelecimento do capitalismo, sátiras ao comunismo e à eugenia, as fantasias das guerras raciais, as utopias capitalistas antes da Primeira Guerra Mundial, a questão ditadura, tempos depois da censura, os monopólios industriais em Wall Street, as distopias antifascistas, e a mais tênue das distopias que seria a manipulação comportamental dentro do capitalismo acerca dos problemas da modernidade que se incapacitavam a oferta de uma solução filosófica viável para o conflituoso período. (CLAEYS, p. 179).

Bruce Spizer (2017), pesquisador e beatlemaníaco, relata a utopia que viveu durante a passagem d’Os Beatles pela história do rock e como ainda se sente vivo em tempos tão desprezíveis de distopia. Não apenas por ser o álbum considerado o mais importante de toda a historiografia musical da banda inglesa, mas por ser obra de arte. *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band*, pondera: “É um verdadeiro surplus”^{3*} das décadas mais utópicas que prevalece ainda nos dias de hoje.

Comprova-se, assim, a importância e a influência que este coletivo de canções é ovacionado por milhares de pessoas que se consideram beatlemaníacos, por meio do estudos, literário e extra-literários, envolvendo e cotejando as canções e as imagens que compõe um dossiê genético para análise crítica. Para o fã norte-americano, ter escrito o livro sobre as perspectivas dos fãs d’Os Beatles é como retirar o submarino amarelo do fundo do mar de memórias, pois Spizer “[...] aponta que os Rockstars se consideraram a própria geração dos anos 1960”. (Tradução nossa).

Sob o ponto vista de Claeys (2011), na relação cinema e literatura, utopia e distopia, é preciso compreender suas características a partir da forma de construção: no cinema, a atmosfera utópica se dá principalmente nos gêneros aventura, ação e ficção científica e na literatura essa noção de gênero se arrefece e dá lugar a obras de natureza híbrida, reverberando o momento de tensão que marca a história, a sociedade, nos campos da ciência e as artes.

Torna-se notório a presença d’Os Beatles permeando toda a cena da arte, como fator que conjuga o tempo e o espaço, criando equivalências importantes ao traduzir o passado no presente, pela ideia de permanência que vislumbra o futuro nas projeções por eles motivadas na produção artística que estes sempre jovens legaram ao mundo em forma de manifesto ousado, tocando desde os temas mais aparentemente desprezíveis, “Obladi oblada”, até os mais arrojados, “Fool on the hill”, a transparecer como temas de uma utopia que se manifesta em realidades distópicas.

Enfatizando este pensamento, tempos que para Turner (2017) em sua antologia filosófica sobre a banda inglesa, vimos que suas ponderações apontam para esse fenômeno como algo que se funda principalmente no radicalismo estudantil dos anos 1960, quando os já chamados pensadores pós-modernos queriam romper com o

³ *Surplus* é tomado aqui em seu sentido lato sensu que expressa sentido amplo, se opõe a toda restrição.

passado, protestando contra a fé dos séc. XIX e XX, focados na tecnologia, no progresso social e nas questões cada vez mais crescentes dos mercados livres, rejeitando os valores e métodos utilizados pela tradição filosófica moderna que se tornava inadequada para a crítica filosófica. É nessa efervescência que se tem, portanto, o surgimento dos álbuns de maior destaque; a capa colorida que traz uma ideia de contracultura e a linguagem imagética do movimento *hippie*; quando *Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band* (1967), vem à luz, dois anos antes do maior movimento *hippie* do mundo: o Woodstock.

The Beatles não tocaram em Woodstock, o maior festival de música e arte do ano de 1969, mas lá estiveram, pelo atravessamento que suas ideias, atitudes e canções realizou ali, e ainda continuam realizando, nas transcrições nascidas de uma memória involuntária coletiva, nas vidas e nos corações de milhares de pessoas ao redor do mundo, como persistência de uma utopia que rompe os calabouços da distopia e desmascara cenários, colocando à mostra, em plano único, as grandes feridas e os maiores sonhos da eterna diáde da paz e do amor.

Sob o olhar de Greg Claeys (2011) traduz-se a distopia como a falta da utopia em uma trajetória da negação, o que, em certa medida, coaduna com os limites da própria realidade em seu estado mais puro e natural. De outro lado, o modo de apreensão estético dessa realidade que floresceu no mundo, de formas mais expressiva e vigorosa desde o século XIX, relacionado aos fatores morais, convencionais e éticos, apanhados no subsolo dessa tal realidade, se manifesta como utopia, que avança da historiografia para a historicidade e revela-se, em forma de tecido artístico, aquilo que a sociedade resiste em trazer ao debate.

Nesse sentido, More (2017) conceitua a utopia como uma filosofia moral que não se encontra apenas resistente aos formalismos determinados por um período, mas que os utopienses discutem as mesmas coisas que são discutidas pelos indivíduos comuns na sociedade e indagam sobre os bens da alma e do corpo, indagam da perspectiva de se ler além para que se alcance a busca do prazer.

Martin (2017) coloca a música “All you need is love” como uma projeção artística d’Os Beatles com alto valor de conteúdo poético enquanto “Strawberry Fields Forever” será o ‘termômetro’ musical da banda, a primeira canção escrita com versos simples, mensagens de alerta a um período de guerras, a realidade de um mundo em crises não só

políticas, econômicas, mas artísticas porque este universo se refazia a partir de novos conceitos e valores fundamentados no olhar filosófico, para o sentido da utopia, uma vez que as canções d’Os Beatles gravitariam além dos moldes e de tudo o que já havia sido construído anteriormente. A canção “Yellow Submarine” é talvez, entre todas as composições d’Os Beatles, a mais rica em traduções de uma época, por sua linguagem simples, imagética que carrega em suas bases uma ironia divertida, fazendo do submarino amarelo um produto que abarca, desde o universo infantil ao universo adulto, com expressividade inquestionável.

Nessa esteira, temos que Lipovetsky (2009) realça que o consumismo, através dos objetos e das marcas, se apresenta com tamanho dinamismo, elegância, poder, que promove e acelera a renovação dos hábitos, cria parâmetros de refinamento, afeta o sentido de naturalidade e assim por diante. Esses fenômenos possuem estreita vinculação com a esfera social estatutária.

Martin (2017) assevera que esse consumo se apresentava através da valorização criativa d’Os Beatles e ressaltou a consciência do beatle, John Lennon, sobre a preponderância da fantasia sobre a realidade, afirmando que o universo existente dentro dele si era maior do que sua expressão no mundo exterior.

The Beatles em tempos de guerra anunciavam mensagens de paz, cantavam a esperança e lançavam uma mensagem apodítica no subconsciente de milhares de pessoas, utilizavam-se de um conhecimento substancial das linguagens várias, persuadiam e acessavam o receptor da mensagem, incitando discernimentos e construindo conceitos, estruturas a partir da linguagem sonora.

Nesse sentido, parece-nos apropriado averiguar o que Vestergard & Schroder (2004) sugerem sobre a relação de similaridade no campo de crítica linguístico-literária partindo do conceito de construção de sentidos pelo objeto da propaganda. Os autores pontuam discutem a relação de similaridade, salientando que sua força será relevante quando a língua é colocada em ação, apreensível na retórica e na teoria do discurso, onde a metáfora pode ser definida por referência à relação icônica, onde um signo evoca um novo signo.

“All You Need is Love” sintetiza os mais diversos segmentos do imaginário na medida em que aciona, como sugestão apodítica em forma de música, em tom de

concitação, desde a indústria musical, passando pela cinematográfica, pela indústria literária, da moda e também de artes em bens duráveis como o design.

Dessa forma, mergulhando em mares que colocam frente a frente o âmbito literário, criatividade na escrita, e o da composição musical, investigando os dispositivos de construção à luz da teoria crítica que considere as categorias do espaço e do tempo, pode-se dizer a partir do olhar de Brandão (2013) que, a obra d'Os Beatles permeia o espaço social, o espaço psicológico, o espaço mítico, uma vez que ela se inscreve no “espaço mental” e no vasto espaço da linguagem e aí, dialoga com os demais sistemas de linguagem e, por isso mesmo, se reveste de amplo significado no terreno da estética.

Referências

BRANDÃO, L.A. *Teorias do Espaço Literário*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CITELLI, A. *Linguagem e Persuasão*. 16 ed. São Paulo: Princípios, 2005.

CLAYES, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. Trad. Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2011.

DURAND, Gilbert. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Rio de Janeiro: Difel, 2014.

GUTTING, Gary. *Foucault and the history of madness*. In: Cambridge Companion to Foucault 1994.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MARTIN, G. *Paz, Amor e Sgt. Pepper*. Os Bastidores do disco mais importante dos Beatles. Trad. Marcelo Froés. -2.ed -. Rio de Janeiro: Sonora Editora, 2017.

MORE, S. T. *Utopia*. [edição preparada por George M. Logan, Robert M. Adams; tradução Jefferson Luiz Camargo, Marcelo Brandão Cipolla]. – São Paulo: Martins Fontes, 2017.

SPIZER B. *The Beatles and Sgt. Pepper: A Fans' Perspective*. 498 Productions, LLC. EUA, 2017.

TURNER S. *The Beatles*. O ano revolucionário 1966. São Paulo: Editora Benvirá, 2018.

VESTREERGAARD, S.. *A linguagem da propaganda*. Trad. João Alves dos Santos. São Paulo: Martins Fontes, 200